Nélio Saltão é um pintor que nos esmaga com a sua presença física, imponente, mas não é isso que mais impressiona. O que nos toca é o impacte das suas obras, realizadas por um criador prolífico mas cuidadoso, intenso mas delicado, como todos os artistas que se devotam ao trabalho com a consciência de que, como disse o Mestre, o suor é uma das componentes mais importantes do ofício (qualquer que ele seja, diga-se). Não é difícil perceber, quando se olha com atenção para os trabalhos de Nélio Saltão, essa pulsão interior que o estimula a procurar, dentro de parâmetros muito pessoais e distintivos, as melhores soluções compositivas para o que deseja produzir. Pode ser que não conheça a frase do outro Mestre que disse não pintar o que estava a ver mas o que tinha visto, i. e., aquilo que o efeito mnemónico preservara para ser refeito, reconstruído. Se não conhece, é como se lá tivesse chegado intuitivamente, e as suas telas, em que a cor e a textura desempenham um papel fundamental, são um bom exemplo dessa consciência do tempo.

*Laborare stanca*, escreveu Cesare Pavese: é verdade, mas também não deixa de ser motivo digno de registo que é nesse esforço, nessa aplicação, nessa devoção, à arte que reside grande parte da experiência criativa.

Creio que é isso que Nélio Saltão sente quando entra no *atelier* para criar e nos aturdir com a sua arte, que é, afinal, nosso prazer.

Salvato Teles de Menezes